

HACER ESCUELA: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE COMO INVENTAR PEDAGOGIAS DO SUL GLOBAL OTHERWISE¹

Jason Thomas Wozniak
West Chester University

TRADUZIDO POR
Valéria Araújo

1 → Tradução de "Hacer Escuela: Introductory Notes on Inventing the Pedagogies of a Global South Otherwise," *Lapiz* 6 (2021): 7-15, disponível gratuitamente para download em www.lapes.org. Os números nas margens referem-se à paginação no original. La traducción de este artículo al español también está disponible para su descarga gratuita en www.lapes.org. Nota da tradução do artigo em espanhol: Decidimos deixar o termo "Otherwise" em Inglês porque faz referência a uma noção clássica da tradição à qual este artigo utiliza, que perde seu sentido poético quando usamos sua tradução literal: "de outro modo". O termo *otherwise* é utilizado por autores como Emmanuel Levinas e pelos filósofos contemporâneos que constituem o *Grupo Modernidad/Colonialidad*.

Desde sua origem, há cerca de dez anos, a *Latin American Philosophy of Education Society* (LAPES) – Sociedade de Filosofia de Educação Latino-americana – assumiu o papel de compartilhar com acadêmicos, professores e ativistas os cânones da teoria da educação da América Latina, os quais têm sido obscurecidos ou suprimidos nos ambientes educacionais dominados por lógicas coloniais. Da mesma maneira, trabalhamos incansavelmente para criar tempo e espaço para que acadêmicos e ativistas contemporâneos do Sul Global inventem, geralmente de forma coletiva, teorias e práticas educativas capazes de revelar e superar múltiplas formas de opressão. Em outras palavras, para colocar de uma forma que fique mais clara para a leitora que percorrer esta edição especial de *Lápiz*, nos comprometemos com teorias educativas provenientes de todas as Américas e com a prática de pedagogias que são frequentemente marginalizadas. Nos dedicamos a *hacer escuela*: a inventar espaço-temporalidades acolhedoras para pensar e praticar a educação de outras formas.

Em 2016, Samir Haddad, um colaborador e apoiador de longa data do LAPES, entrou em contato comigo e com Ariana González Stokas, ambos membros do LAPES, para perguntar se estaríamos interessados em participar de um projeto coordenado por Penelope Deutscher. O projeto Teoria Crítica no Sul Global, financiado pela Fundação Andrew W. Mellon, é uma iniciativa do Consórcio Internacional de Programas sobre Teoria Crítica e tem como missão o desenvolvimento de novos currículos baseados em teoria crítica que integrem tradições intelectuais do Sul Global.² Como parte desse projeto, nosso propósito era reunir escritos de acadêmicos e ativistas do Sul Global sobre pedagogias baseadas na teoria crítica proveniente do Sul Global. O objetivo principal do nosso trabalho não era pesquisar e escrever sobre a teoria crítica do Sul Global – embora, inevitavelmente, teríamos que realizar o trabalho de pensar a teoria crítica produzida por acadêmicos e ativistas do Sul Global – mas focar nas formas em que a teoria crítica do Sul Global estava sendo ensinada e colocada na práxis

2 → Para mais informação sobre o projeto Teoria Crítica no Sul Global, ver: "Critical Theory in the Global South," Weinberg College of Arts and Sciences, Northwestern University, 12/7/2020, <https://criticaltheory.northwestern.edu/mellon-project/critical-theory-in-the-global-south/>.

educacional, tanto no Sul como no Norte. Eu, Samir e Ariana decidimos organizar dois workshops que reunissem, por um lado, pensadores latino-americanos que trabalhassem filosofias da educação influenciados pelas tradições da teoria crítica e, por outro lado, professores e estudantes de pós-graduação, que ensinam e estudam teoria crítica nas universidades dos Estados Unidos.

Nosso plano foi inspirado pelas inovações pedagógicas que têm sido desenvolvidas em toda a América Latina nas últimas duas décadas, frequentemente produzidas através da criativa combinação de elementos da teoria crítica europeia com um repensar das tradições latino-americanas e dos conhecimentos indígenas. Essas pedagogias surgiram em diversos contextos como: na periferia do Rio de Janeiro, onde foi lançado o programas de Filosofia para Crianças (inspirados em parte pelas teorias de Rancière, Deleuze e Freire); em Chiapas com os Zapatistas (revisando princípios anarquistas, Marxistas e pós-colonial por meio da recuperação de conhecimentos indígenas); no Brasil com o Movimento Sem Terra (um movimento popular que mobiliza ideias marxistas, da teologia da libertação e da pedagogia crítica); na Bolívia com o coletivo *Mujeres Creando Comunidad* (um movimento feminista autônomo comprometido com el pueblo e com os movimentos sociais na luta contra o patriarcado, o racismo, o neoliberalismo e outras formas de opressão); e com um renovado interesse teórico na filosofia de Simón Rodríguez que, como um dos primeiros educadores “populares” modernos da América Latina, não construiu somente edifícios escolares para as populações empobrecidas e marginalizadas ao redor do mundo, mas também buscou “*hacer escuela*”, ao criar condições para que eventos de educação acontecessem. Nosso projeto perguntou como, apesar das crescentes imposições de medidas neoliberais, esses movimentos – assim como inúmeros outros – deram origem a novos entendimentos sobre as relações pedagógicas, do que significa ser sujeito da educação e de como a prática educativa pode reconfigurar o espaço público e as temporalidades da educação.

Antes de avançar para algumas breves rumações inspiradas nos artigos que compõem esta edição de *Lápiz*, quero reconhecer dois aspectos importantes do nosso trabalho que poderiam, de outra

forma, permanecer invisíveis. Não encontraremos aqui todas as apresentações de workshops que foram oferecidas durante os últimos anos. Assim como não encontraremos nas páginas seguintes as vozes dos participantes dos workshops. Mas, sem dúvida, os workshops ministrados por Melissa Rosario (“Está em Nossas Mãos: As profundidades das práticas de descolonização”), Doris Sommer (“Pré-textos: Alfabetização, Inovação, Cidadania”), Frances Negrón-Muntaner (“Che no *Barrio*”), Arnaldo Cruz-Malavé (“A fundação de Estudos Latinxs e a Pedagogia do Historiador Jesuíta Fernando Picó”), Marlène Ramírez-Cancio (“HilariOUCH: A Sátira como Ferramenta Crítica”), Floridalma Boj Lopez e Sandy Grande (“Descolonizando lugares inesperados: Práxis Vermelha na educação de professores”), e Rónké A. Òké (“Disciplinas descentralizadas: Pensar Criticamente sobre o ‘Trabalho’ que Nós Fazemos”), bem como as inúmeras contribuições aos diálogos por parte de acadêmicos, estudantes, ativistas, professores de Educação Básica e o público em geral, influenciaram a versão final das nossas publicações.³ Os workshops originais foram apresentados em três idiomas (inglês, espanhol, português) e esta edição especial de *LáPiz* reflete o aspecto trilingue de nosso trabalho, com ensaios em seu idioma original e traduções nas outras duas línguas disponíveis online. Eu sugeriria que, durante os encontros de *Hacer Escuela*, um processo que a filósofa feminista francesa Michèle Le Doeuff chama de “poligênese” (“*polygenesis*”) desempenhou um papel importante na elaboração dos ensaios que encontramos aqui. Seguindo Le Doeuff, podemos entender que os pensamentos expressos nas páginas seguintes são dinâmicos, estão em movimento e, de muitas formas, foram criados coletivamente e constituídos por uma corrente diferenciada ascendente e diversas fusões descendentes que convergiram em nossos eventos e que nutriram a escrita de nossos autores.⁴

10

3 → O artigo de Boj Lopez e Grande, “Decolonizing in Unexpected Places,” *International Journal of Human Rights Education* 3, no. 1 (2019), <https://repository.usfca.edu/ijhre/vol3/iss1/9>, fornece um excelente resumo das apresentações do segundo workshop, e ao mesmo tempo desenvolve com mais profundidade as reflexões que foram apresentadas.

4 → Para mais sobre a noção de polygenesis de Le Doeuff, ver: Michèle Le Doeuff, *Hipparchia's Choice: An Essay Concerning Women, Philosophy, etc.*, trans. Trista Selous (Cambridge MA: Blackwell, 1991), 170-172.

É igualmente importante notar que, tanto durante os encontros em nossos workshops quanto aqui nesta edição, não há uma corrente ideológica singular que atravesse ou domine as discussões e o pensamento. Em vez disso, o que encontramos em nossos workshops, e o que vemos ao longo dos ensaios seguintes, é mais semelhante ao que Chela Sandoval chama “*differential oppositional consciousness*” (“consciência de oposição diferencial”), em seu trabalho marcante *Methodology of the Oppressed*.⁵ A consciência diferencial pode ser concebida como uma tecelagem de consciência sempre mutável, constituída por ideologias opostas que constantemente se tecem e entrelaçam umas com as outras. O “diferencial”, na visão de Sandoval, permite o movimento entre posicionamentos ideológicos e funciona “como a embreagem de um automóvel, o mecanismo que permite ao motorista selecionar, engatar e desengatar as marchas em um sistema de transmissão de poder.”⁶ O que o leitor encontrará aqui, então, não é uma coleção de ensaios originários de uma ideologia hegemônica, mas sim uma série de modos de consciência opostas em relação dialética uns com os outros. Como tais, se transformam, diria Sandoval, em um armamento pedagógico tático para intervir nas correntes mutantes de poder em diversos espaços educativos.

À medida que a leitora avança por esta edição, poderá se beneficiar ao manter em mente algumas dobradiças conceituais importantes que motivaram o trabalho do nosso projeto. Começo com uma conceitualização do Sul Global. Sem nenhuma pretensão de tentar determinar os contornos geográficos do Sul Global, e resistindo a urgência de construir algum tipo de identidade geocultural à qual nossos palerantes e autores teriam que se conformar, convidamos os participantes do projeto que falaram de múltiplas formas a conhecida noção do Sul Global de Boa de Sousa Santos:

O Sul global não é um conceito geográfico, embora a grande maioria de suas populações viva em países do hemisfério sul. O Sul é antes uma metáfora do sofrimento humano

5 → Chela Sandoval, *Methodology of the Oppressed* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000).

6 → Sandoval, *Methodology of the Oppressed*, 58.

causado pelo capitalismo e colonialismo em nível global, bem como a resistência para superar ou minimizar esse sofrimento. É, portanto, um Sul anticapitalista, anticolonialista, antipatriarcal e anti-imperialista. É um Sul que também existe no Norte geográfico (Europa e América do Norte), na forma de populações excluídas, silenciadas e marginalizadas, como os imigrantes sem documentos, os desempregados, as minorias étnicas ou religiosas e as vítimas de sexismo, homofobia, racismo e islamofobia.⁷

12

Os autores que você encontrará no presente volume viveram e passaram pelo sofrimento humano causado pelo capitalismo e colonialismo, entre outras opressões, mas se recusam a permitir que eles próprios, e outros - e especialmente seus estudantes e colegas ativistas - sejam silenciados e marginalizados. A resistência documentada aqui é uma resistência pedagógica, e é em parte por meio de suas pedagogias que eles próprios e inúmeros outros têm superado tal sofrimento.

Isso foi alcançado em parte pela habilidade dos autores de incorporar a teoria crítica, outro conceito digno de um breve comentário, em sua vida diária, assim como no ensino e aprendizagem. Ao longo dos ensaios apresentados aqui, o leitor notará o que podemos descrever como o movimento rítmico da teoria crítica. Eles repetem, ainda que com diferenças, movimentos teóricos, ora próprios, ora de outros, que revelam negações do potencial humano, negam ditas negações e oferecem caminhos alternativos para a libertação. Em outras palavras, com a ajuda de Enrique Dussel, os ensaios incluídos nesta edição de *Lápis* assumem a tarefa de envolver-se no processo negativo de desconstruir o que é dado e no processo positivo de criar algo novo.⁸ O ritmo flutuante entre esses processos negativos e positivos é potencialmente formativo, e configura um novo pensamento, novas práticas

7 → Boa de Sousa-Santos, "Epistemologies of the South and the future," *European South* 1 (2016): 18-19, <http://europeansouth.postcolonialitalia.it/>.

8 → Enrique Dussel, *Ethics of Liberation: In the Age of Globalization and Exclusion*, trans. Eduardo Mendieta, Camilo Pérez Bustillo, Yolanda Angulo, and Nelson Maldonado-Torres (Durham: Duke University Press, 2013), 206.

educativas e novas maneiras de imaginar as relações sociais e as realidades em que vivemos.

A teoria crítica pensada dessa maneira é inventiva. É uma forma rítmica de errar (vaguear) e ensaiar (experimental) que abre a possibilidade de algo vir, chegar. Conceituada assim, a teoria crítica torna-se uma forma de *hacer escuela*. A tradução formal de *hacer escuela* seria “fazer” ou “produzir” escola. Mas aqui, inspirado pela interpretação de Walter Kohan do ditado decolonial de Simón Rodríguez: “*inventamos o erramos*,”⁹ e tendo em mente a etimológica grega de “escola”: *schole* como tempo livre, suspensão e contemplação, uma tradução mais adequada de *hacer escuela* seria “inventar escola”. Isso quer dizer que, por meio das rupturas rítmicas produzidas no processo de ensinar e aprender teoria crítica, aspectos da vida diária são temporariamente suspensos, o que oferece a possibilidade de contemplar o mundo em que vivemos e o mundo que poderia ser. Inventar a escola anima um momento para que os de outro modo (otherwise) venham, tanto dentro das escolas quanto nos movimentos sociais (ver neste volume, Barbosa no MST e Anderson e Crawford no BLM), como também em espaços punitivos proibitivos como as prisões (Belausteguioitia Rius).

13

As pedagogias discutidas nos ensaios seguintes inventam o tempo-espaço no qual os aparatos repressivos do Estado e do capital-racial-patriarcal são expostos e negados, embora em muitas ocasiões apenas temporariamente. E eles destacam experiências educativas nas quais o anticapitalismo libertário e as relações sociais decoloniais que formam vínculos interculturais de resistência e esperança (Morales e Yang) são animados; e nascem currículos que começam desfazer séculos de violência e repressão epistêmicas da supremacia branca patrocinadas pelo Estado (Anderson e Crawford).

Outro conceito-chave que anima nosso trabalho é o de “pedagogia”. Em seu fascinante livro, *Oculto nas palavras: Dicionário etimológico para ensinar e aprender*, Luis A. Castello e Claudia T. Mârisco nos ensinam que a palavra “pedagogo” tem origem do Grego “*paidagogós*”, que significa “o que conduz a criança”. Dessa mesma palavra

9 → Walter Omar Kohan, *The Inventive Schoolmaster*: Simón Rodríguez, trans. Vicki Jones and Jason Wozniak (Rotterdam: Sense Publishers, 2015).

deriva “pedagogia”, que significa, grosso modo, *conduzir* ou guiar a *conduta* de uma criança.¹⁰ O pedagogo da Grécia antiga, muitas vezes um escravo, era considerado, mais do que o mestre da criança que transmitia principalmente o conhecimento objetivo, o guia moral e espiritual da criança sob seus cuidados. Num contexto diferente, embora pedagógico, a noção de conduta foi abordada por Michel Foucault em uma palestra onde ele desenvolve uma noção do que chama “contraconduta”.

Para Foucault, a contraconduta é uma “forma de resistência ao poder como condução,”¹¹ e não é uma prática caótica que busca elidir qualquer forma de direção, objetivo ou condução. Em vez disso, a contraconduta é uma manifestação material da oposição consciente que resiste às relações de poder particulares: “Não queremos obedecer a *essa gente*. Não queremos *essa verdade*. Não queremos estar presos *nesse sistema* de observação, de exame perpétuo que nos julga o tempo todo, nos diz que estamos cuidando de nós mesmos.”¹² De maneira positiva e de forma interrogativa, a contraconduta recusa uma forma de condução em favor de outra, uma que seja individualmente ou coletivamente determinada: “Por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos?”¹³ Em suma, as contracondutas sempre contêm “um aspecto de busca de outra conduta: ser conduzido de outro modo, por outros homens, na direção de objetivos distintos daqueles propostos pela aparente e visível governamentalidade oficial da sociedade.”¹⁴

Se eu tivesse que sugerir alguma semelhança prevalente entre os artigos apresentados nas páginas seguintes, seria que todos apontam para práticas pedagógicas que nutrem as contracondutas dentro do Sul Global. Isso quer dizer que, tanto implícita quanto explicitamente, as práticas enunciam e incorporam a resistência e a insurgência

10 → Luis A. Castello and Claudia T. Márisco, *Oculto nas palavras: Dicionário etimológico para ensinar e aprender*, trans. Ingrid Müller Xavier (Belo Horizonte: Autêntica, 2005), 67.

11 → Michel Foucault, *Security, territory, population: Lectures at the College de France 1977-1978*, trans. Graham Burchell, (New York, NY: Palgrave MacMillan, 2007), 195.

12 → Foucault, *Security, territory, population*, 201. Emphasis added.

13 → Foucault, *Security, territory, population*, 197.

14 → Foucault, *Security, territory, population*, 199.

contra o domínio imposto pelas forças (neo) coloniais, neoliberais, patriarcais e racistas. Os artigos rejeitam muitas das verdades impostas pelo Norte e inventam novas formas coletivas e individuais de cuidado. E as suas respostas às questões de contraconduta implicam, sobretudo, uma clara rejeição a serem governados e conduzidos de acordo com lógicas hegemônicas e éticas que levam à guerra sem fim, a exploração e catástrofe ambiental, entre outras formas de negação da vida humana. Os pedagogos – e aqui considero pedagogo qualquer indivíduo que orienta alguém para formas de conduta que contrapõem às normas hegemônicas opressivas impostas – que escrevem os ensaios contidos neste volume cultivam experiências educativas nas quais torna possível ser conduzido de maneira diferente, a diferentes fins, decididos de maneira coletiva.

15

Esses pedagogos, com suas pedagogias, como as dos professores e estudantes da Semana Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) nas escolas (Anderson e Crawford), as presidiárias (Belausteguigoitia Rius), os participantes dos intercâmbios de inspiração zapatista (Morales e Yang), os professores rurais revolucionários no Brasil (Barbosa), e os pregontones (Kohan), todos nos ensinam que outras formas de educação que inspiram outras formas de ser no e com o mundo são possíveis. Praticar pedagogias que nutrem formas de vida que se oponham a séculos de exploração e opressão colonial, capitalista, patriarcal e racista é não apenas negar as negações, mas também inventar possibilidades educacionais que dão formas a outros modos de ser. São tentativas sempre incompletas de experimentar a liberdade e a solidariedade. Talvez, poderia sugerir, pegando emprestado do recente trabalho de Saidiya Hartman, que as pedagogias sobre as quais lemos abaixo são “belos experimentos sobre como viver”, um exemplo de uma poiesis social que é “the practice of a social otherwise”¹⁵ (“a prática social de outro modo”). Se tal prática, realizada por longo período de tempo, tanto local quanto transnacionalmente, tem a força de desempenhar um papel na derubada dos sistemas de dominação centenários, ou se tudo que ela pode fazer é nos conceder apenas um momento de ensaio, ou seja,

15 → Saidiya Hartman, *Wayward lives, beautiful experiments: Intimate histories of social upheaval* (New York: W.W. Norton, 2019), 227-228.

um momento de experimentação que nos dá um gosto de como a libertação igualitária pode ser sentida e vivida, eu deixo para o leitor decidir. ■